

## Diário Visual: o Registro de Tudo que nos rodeia

Por Daniel Braga

[Centro Cultural Sesc Caixeiral - 2021]

O **Diálogos Visuais** é um projeto que realiza diversas atividades culturais nas cidades de Teresina e Parnaíba e região através do Sesc Piauí com apoio do Departamento Nacional. Executando cursos, debates, performances e exposições de Arte que desenvolvem o interesse da comunidade pela produção de Arte em âmbito nacional e regional, valorizando os artistas locais e visando a democratização do acesso à formação cultural, o estímulo à reflexão e a difusão de saberes através de ações dentro da linguagem das Artes Visuais.

Ações essas que são compostas por encontros para discussão acerca da produção artística, referências e experimentações, realização de exposições de pinturas, escultura, desenho, videoinstalação, xilogravura, fotografia, apresentações de performances artísticas contemporâneas, vivências de desenvolvimento de experimentações e demais técnicas de expressão artística.

Neste ano de 2021, o projeto se ajusta ao cenário virtual por conta da pandemia de Covid-19 e realiza a exposição virtual "**Diário visual: o registro de tudo que nos rodeia**", do artista Daniel Braga.

Arte-educador natural da cidade de Ilha Grande, localizada no litoral do Piauí, que através do projeto Diálogos Visuais tem a oportunidade da sua primeira exposição individual para o público, trazendo um recorte da sua técnica com os *Sketchbooks*, uma espécie de caderno de anotações para os artistas, onde fazem desenhos, traços, imagens e anotações.

Há presença tanto de figuras, quanto da Literatura, pois, além de desenhista, Daniel também escreve e descreve com pequenas crônicas sobre tais momentos que registra em seus cadernos.

Diante desta técnica, podemos observar como os artistas interagem com a vida cotidiana, pontos de observação, realidades imaginantes, sonhos, realce de detalhes que cada olhar enxerga partindo do seu ângulo.

Com isso, o Diálogos Visuais alcança a diversidade artística neste momento em que pode-se evidenciar uma prática de desenvolvimento de cadernos de rascunho, de forma descompromissada, onde há uma liberdade para mais afetos e formas livres de expressão por meio dos *Sketchbooks*.



**Daniel Braga** é professor da rede municipal de Parnaíba, mestre em História do Brasil pela UFPI, e doutorando em História, pesquisador das diversas formas de Memória e de como ela está enraizada no espaço, no corpo, e nos modos de ser e fazer dos sujeitos. Daniel produz Arte através de seus desenhos, e descobriu que o traço pode ser uma forma de representação da realidade rotineira da sociedade registradas em *Sketchbooks* através de desenhos de observação em campo marcando seu olhar sobre a convivência das pessoas, paisagens, prédios históricos da cidade de Parnaíba e região. Além disso, se arrisca na escrita de contos e crônicas que já foram selecionadas e publicadas em algumas plataformas online, como o Escrever sem Fronteiras do Sesc por exemplo.

Desde jovem, adora desenhar em filas de banco, consultórios, praças, bares entre outros lugares, usando o caderno para passar o tempo. Ao longo dos anos, quando os cadernos foram sendo empilhados às dezenas, eles se tornaram uma forma de apropriação sistemática do espaço, da arquitetura, da cor local, do movimento cotidiano, preocupado em fazer-se – talvez sem querer – um suporte para a Memória afetiva e um exercício para o olhar.

A exposição **Diário Visual: o registro de tudo que nos rodeia** deseja mostrar uma prática das artes plásticas fazendo despertar a memória afetiva de todo aqueles que se fizeram presentes nos espaços registrados pelo artista por meio dos *sketchbooks*, trazendo nesta memória histórias que reafirma suas experiências, reforça personalidades e incentiva a produção e desenvolvimento do olhar para a vida que nos cerca, observando os detalhes dos lugares, das pessoas, os sons, o ambiente, das cores, das falas, histórias e tudo que nos rodeia.

A exposição foi idealizada para o Projeto Diálogos Visuais e demonstra a importância dos *sketchbook* (cadernos de rascunho) como diário gráfico de registro do cotidiano do seres e seus espaços. Mostra a força que a memória afetiva possui despertando na mente através das imagens, os sons, cheiros de cada instante gravado no papel. O artista Daniel Braga com o hábito de andar com cadernos no bolso, faz verdadeiros estudos antropológicos do comportamento das pessoas em sociedade registrando através de ilustrações de observação o mundo ao seu redor, a vida rotineira dos parnaibanos, da comunidade, dos lugares, espaços e arquitetura da cidade de Parnaíba e região. São vivências simplórias como momentos de trabalho, lazer, tédio, e confraternização que ganham cor de forma indiscriminadamente pelo olhar e mãos do artista Daniel Braga.

Desenhar a cidade em seus vários períodos pode resultar em percepções e reflexões diferentes, pois tal desenho, em cada fase da sua vida possibilita novas interpretações do mundo ao seu redor. Ao longo dos dias nunca somos os mesmos, as pessoas e espaços estão sempre em mutação, e o desenho permite o registro destas fases da vida. Quando uma cena, espaço, instante, pessoa ou o que o olhar notar naquele momento chama atenção do artista, existe uma interação com o momento a distância, observando e produzindo através de rabiscos, e traços com uma simples caneta e cores fluídas da pintura em aquarela, se apropriando assim de forma poética de tudo que o olhar alcançar.

Até este momento os diários de Daniel, assim como qualquer outro diário, eram mapas privados, pessoais que apenas o próprio artista conseguia decifrar, mas agora estes cadernos se tornam públicos nesta exposição, com objetivo de ser decifrados por outros olhares que queiram se juntar em um passeio poético onde você encontra ilustrações e contos relatando de forma breve a história de cada momento.



Prédio do Sesc Caixeiral – Caneta nanquim, aquarela - no 2018.

“Gosto de caminhar pelas ruas do Centro, admirar os prédios antigos, a arquitetura, viajando no passado pelas faixadas e janelas desses prédios. Esse prédio da antiga Caixerai de-spon-ta em meio a Presidente Vargas, causando admiração em quem passa. Sempre tive vontade de desenhá-lo. Numa caminhada pelo Centro, encostei no muro e comecei a rabiscar bem rápido e, em casa, colori.”



Prédio do Sesc Caixeiral – Caneta nanquim, aquarela - ano 2018.

“O caderno como um suporte de memória: esperar chegar um almoço pode ser uma oportunidade de rabiscar algo. Parnaíba é repleta de bons lugares para comer, beber, conversar. Quando revisito meus cadernos lembro-me dos cheiros que reviravam meu estômago, os carros zunindo ao meu lado, as expressões dos garçons e até mesmo a conversa das pessoas nas outras mesas.”



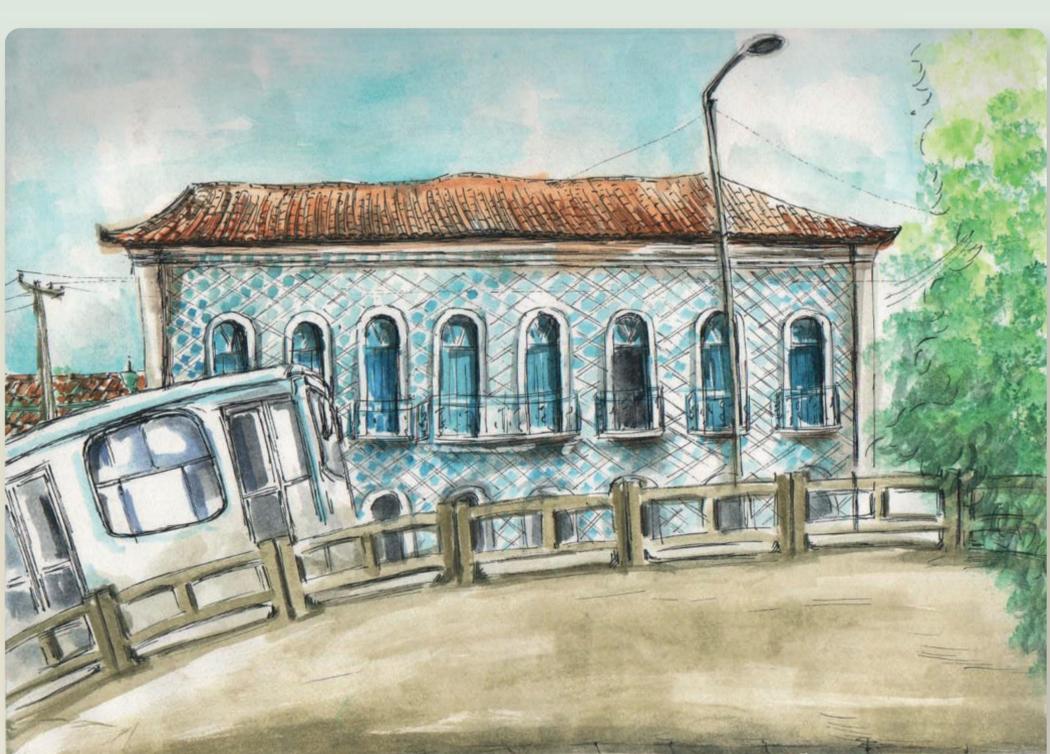
Conversas no banco da Praça – Caneta nanquim, aquarela - ano 2021.

“Esse banco fica na parte central da Praça da Graça, espaço democrático por excelência, um aconchego no coração da cidade, lugar consagrado ao encontro de pessoas de todos os tipos, origens, gênero e condições sociais. Aqui também é o escritório e a loja dos hippies, que, sempre, abordam quem passa em direção do banco, vendendo Arte e doando histórias de suas caminhadas frequentes.”



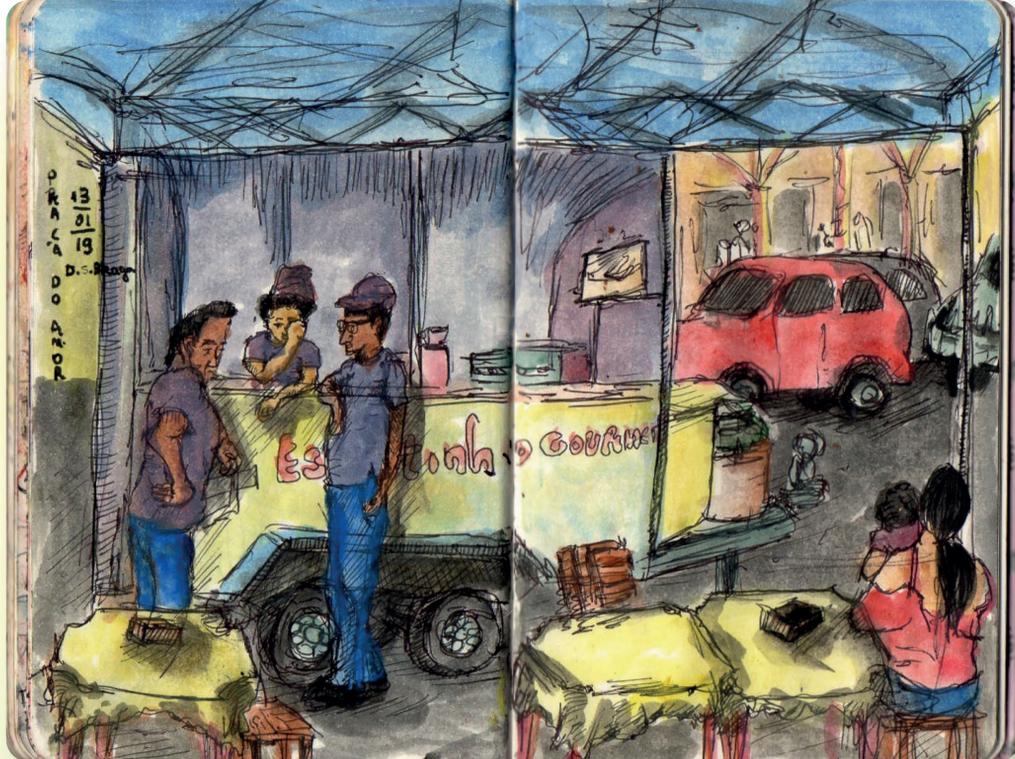
Porto das barcas – Bico de pena, nanquim e aquarela - ano 2021.

“O Porto das Barcas é um lugar que respira e transpira passado por todos os poros. Caminhar por esse complexo é se deparar com prédios que dizem de um período de opulência, de fluxo. E o rio, sem sombra de dúvidas, é o grande protagonista dessa saga. Mirá-lo é ver o reflexo de todo o desenvolvimento da cidade.”



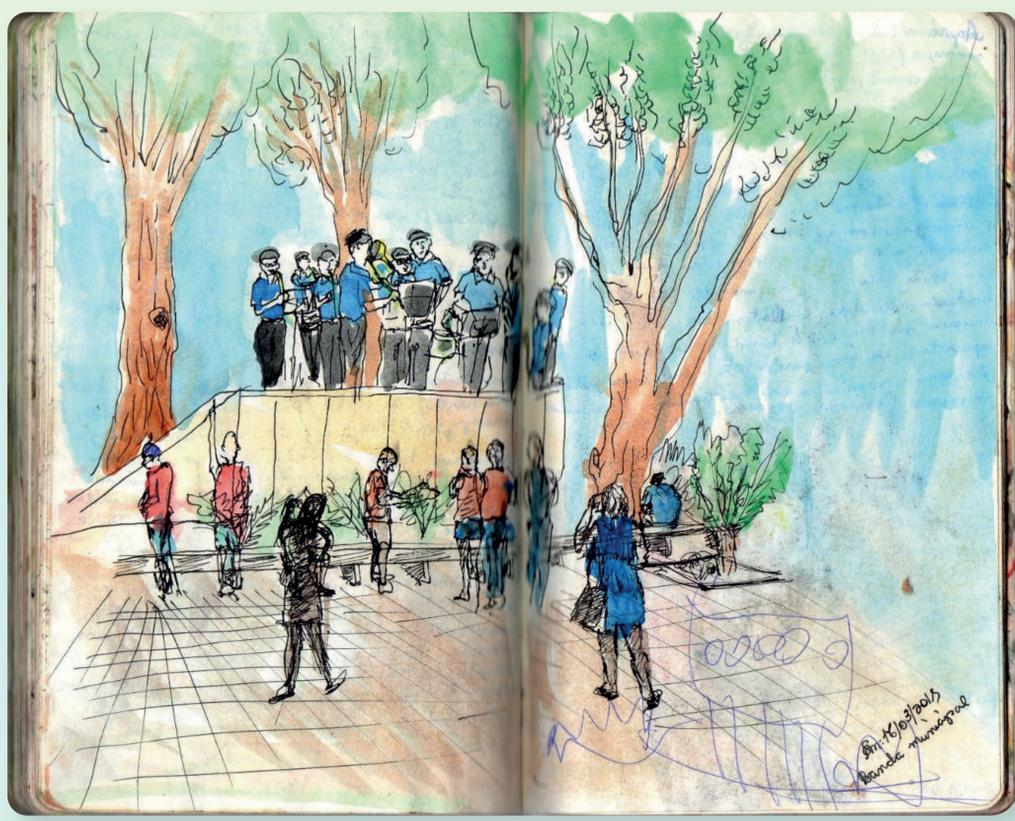
Colégio Dez – Bico de pena, nanquim e aquarela - ano 2021.

“Andar por baixo da Ponte Simplicio Dias, espinha dorsal que liga dois mundos, o centro de Parnaíba e as ilhas do Delta, lugares interligados pelo trabalho, pela comunhão de forças e labor. O prédio, a ponte e o ônibus simbolizam essa ligação.”



Trailer na Praça do Amor – Caneta nanquim, aquarela - no 2019.

“Sair à noite, pedir algo pra comer, e, durante essa espera, cultivo o hábito de desenhar. Por isso, sempre saio com cadernos e canetas nos bolsos. Registrar o momento, desenhando pessoas, objetos, cenários, é uma forma de constituir lembranças de algo que parece tão trivial, mas, no papel, ganha uma dimensão especial. Não é só um passeio à noite, é um processo incansável de rabiscar o que está a minha volta.”



Banda Municipal na Praça – Caneta Bic preta, aquarela - ano 2018.

“Nas sextas feiras, depois do expediente, sempre parava na Praça da Graça. Nesse dia, a Banda Municipal estava se apresentando. Fiz um rabisco rápido com a Bic preta que levava no Bolso e aquarelei de forma um tanto irresponsável, sem pressão nem expectativa nenhuma. Ao olhar para esse desenho tão simples, lembro do som do saxofone ecoando pela praça, das pessoas que aos poucos se amontoavam, das canções tocadas. Aprendi que o bom desenho é aquele que cria uma atmosfera do ambiente desenhado.”



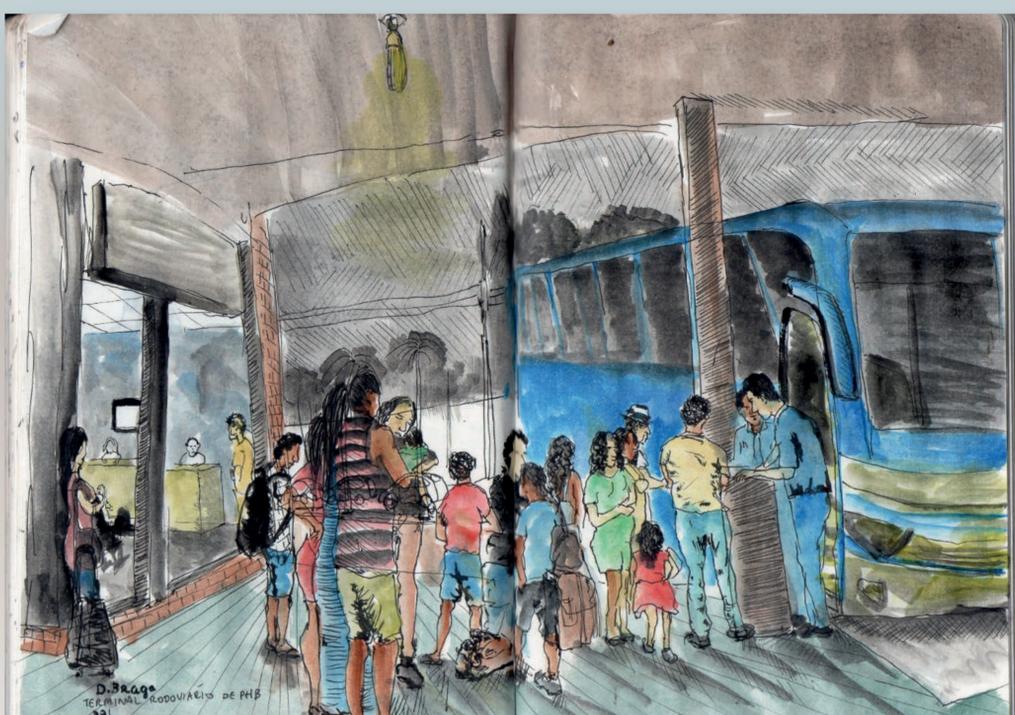
Bar da Fefa – Caneta Bic, aquarela - ano 2018.

“Conheci muitas pessoas legais em bares por causa do desenho. Esse bar era um daqueles que mais parecem a sala da casa da gente. Saudade desses companheiros de copo, que se admiravam quando viam meu caderno, sem se importar com minha inconveniência de desenhá-los de vez em quando. Ninguém nunca se achou parecido. Que bom!”



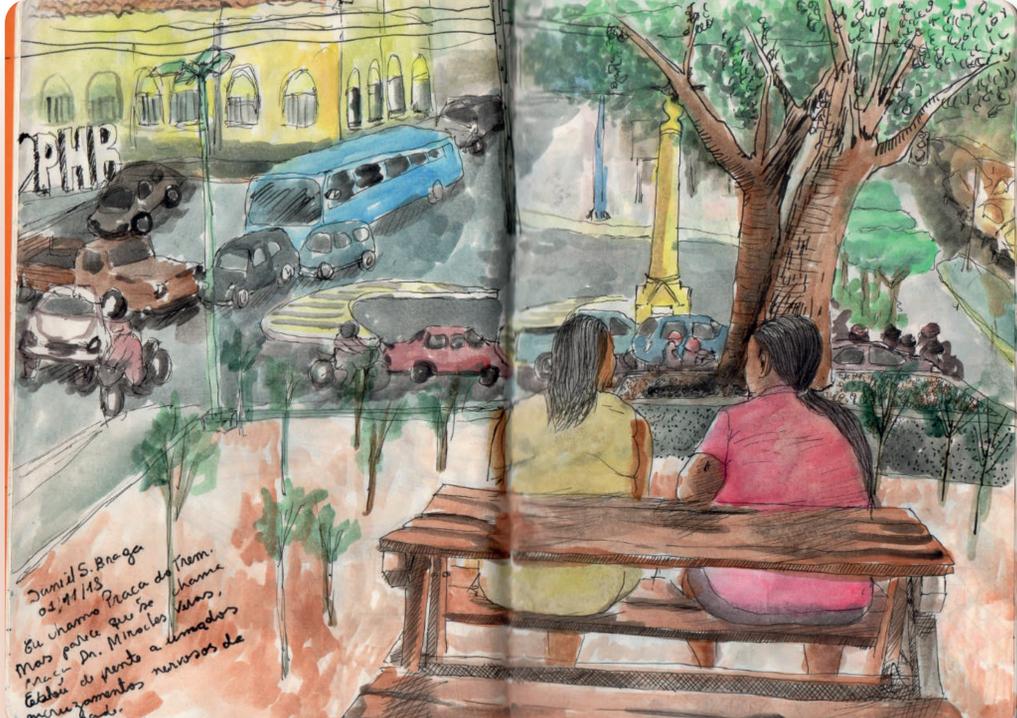
Praia Peito de Moça – Caneta nanquim, aquarela - ano 2019.

“Praia lotada num dia ensolarado de primeiro de janeiro. Eu só conseguia ver cores: o mar esverdeado, o céu azul, e uma diversidade de pontos coloridos tostados pelo sol quente; as ondas quebrando naqueles corpos que viam a entrada no mar como uma esperança de vida nova.”



Praia Peito de Moça – Caneta nanquim, aquarela - ano 2019.

“Praia lotada num dia ensolarado de primeiro de janeiro. Eu só conseguia ver cores: o mar esverdeado, o céu azul, e uma diversidade de pontos coloridos tostados pelo sol quente; as ondas quebrando naqueles corpos que viam a entrada no mar como uma esperança de vida nova.”



Mulheres conversando na Praça do Amor – Caneta Bic, aquarela - ano 2018.

“George Simmel dizia que a experiência na cidade é essencialmente visual. De fato. O que nos chega aos olhos logo se transforma em afetos, memória. E quando essa experiência nos chega com sabor, odores, a experiência é mais completa. Sentir a cidade, portanto, é um trabalho do corpo inteiro.

O meu interesse ao desenhar a interação das pessoas aos lugares. Nesse caso, o que chamou minha intenção foram essas mulheres conversando nesse banco até o anoitecer. Achei que se conheciam de longa data. O meu ouvido capturou algumas histórias, mas não irei contar. Imagine o que conversavam enquanto olhavam os carros”



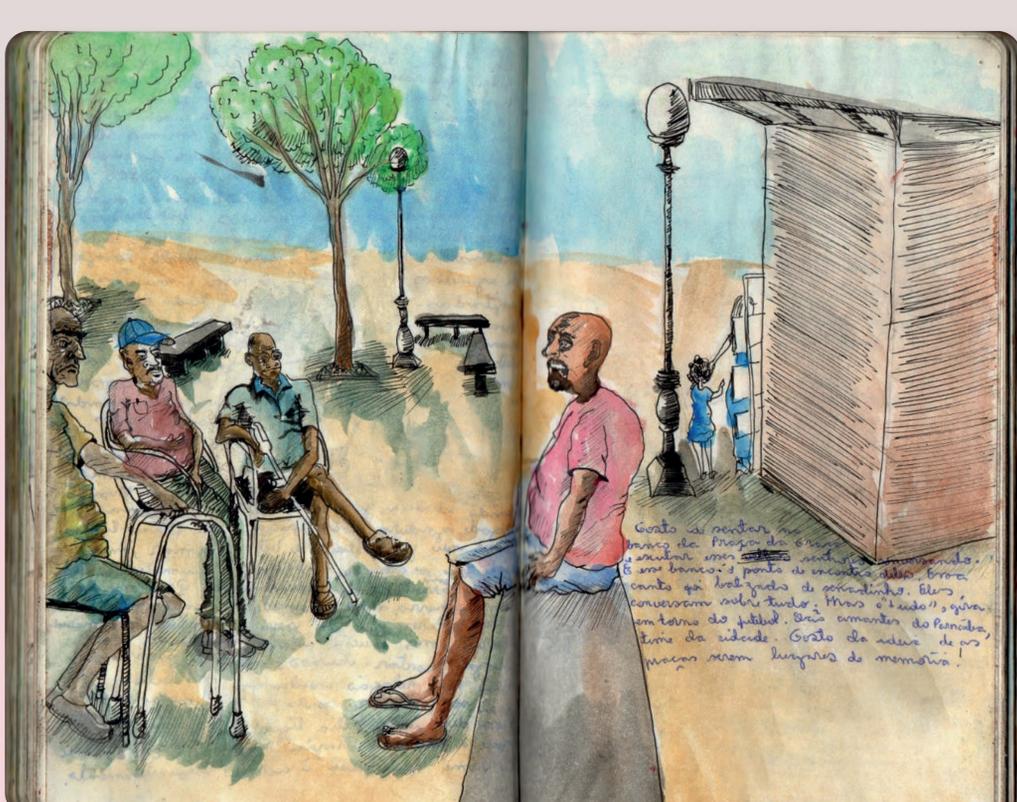
Bicicleta antiga em meio a carros modernos – Caneta Bic, aquarela - ano 2018.

“Na Praça da Graça esperando... No Centro, os automóveis tomam todo espaço da rua; ruas que até, tempos atrás, destinavam-se ao fluxo de carroças. No lugar, carros pulsantes, de luxo. Parnaíba é uma cidade de carros novos, caros, modernos. São tantos carros que, estacionar no centro, é uma operação de guerra, pois se amontoam em qualquer vaga, às vezes atrapalhando o trânsito, desrespeitando os espaços destinados aos idosos, deficientes... Em contraste, encostada nesse poste antigo, deparei-me com essa bicicleta Monark, com garupa, barra circular no centro do quadro. Lembro que aprendi a andar de bicicleta numa dessas, escanchado dentro desse círculo, duma maneira improvável, mas não impossível.”



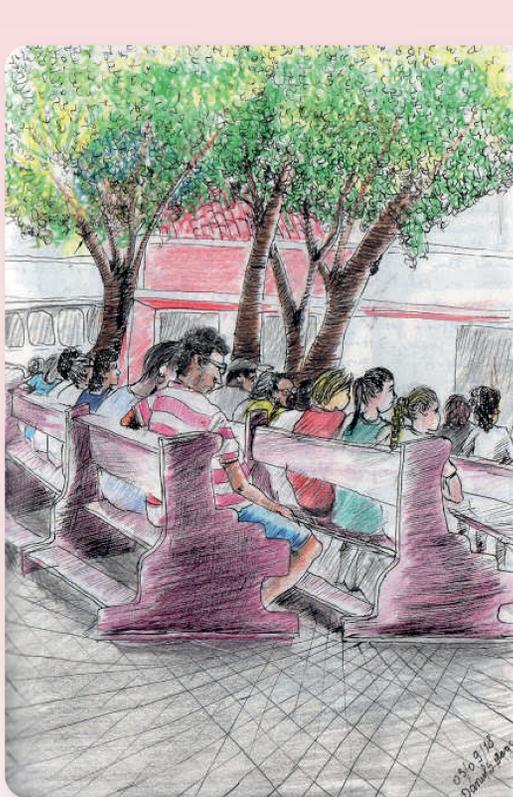
Bicicleta antiga em meio a carros modernos – Caneta Bic, aquarela - ano 2018.

“Esse desenho foi feito num caderno minúsculo no fim de uma tarde. Registrei esse movimento dormindo das crianças brincando sob a supervisão dos pais e responsáveis, as pessoas dormindo nos bancos, aproveitando o ar livre, o vento fresco que respira pela cidade. Lembro da Praça Santo Antônio com as entranhas, sobretudo de quando criança que juntava e comia os oitões que caíam no chão da praça. Por causa desses oitões eu quase morri de uma infecção intestinal. É disso que lembro quando olho esse desenho.”



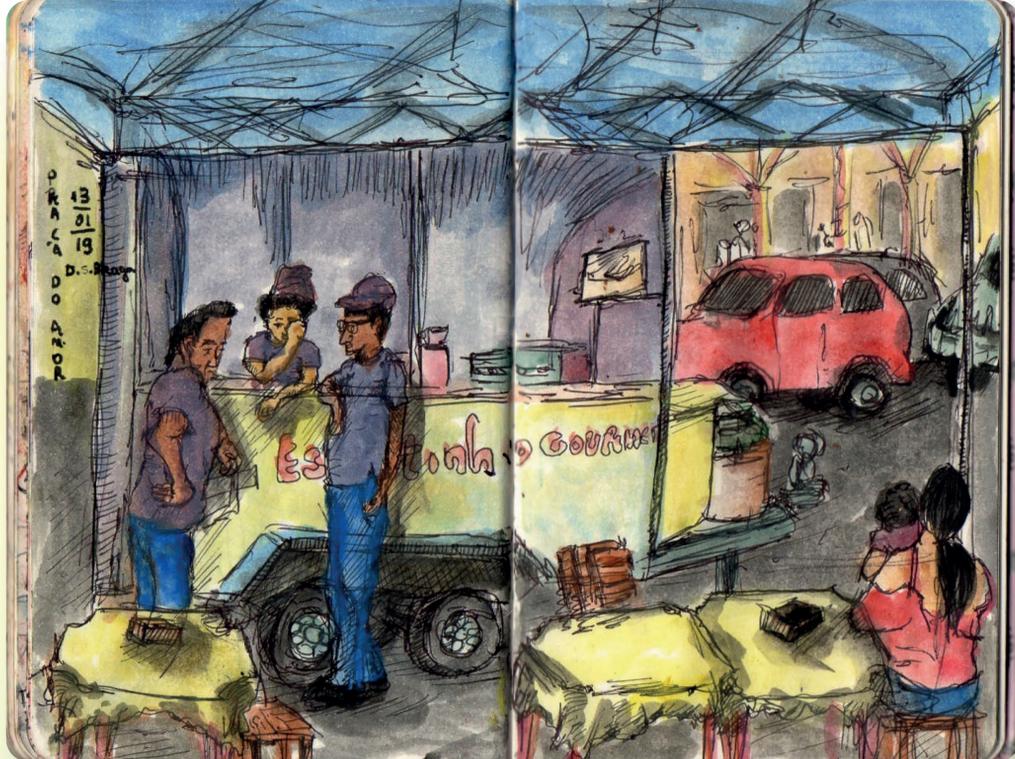
Senhores conversando na Praça da Graça – Caneta nanquim, aquarela - ano 2019.

“Observo esses velhos senhores conversarem sobre futebol, política local, e lembrarem de momentos da cidade ligado as suas vivências pessoais. O caderno também pode ter anotações do momento, como podem ver, o que torna a experiência mais intensa.”



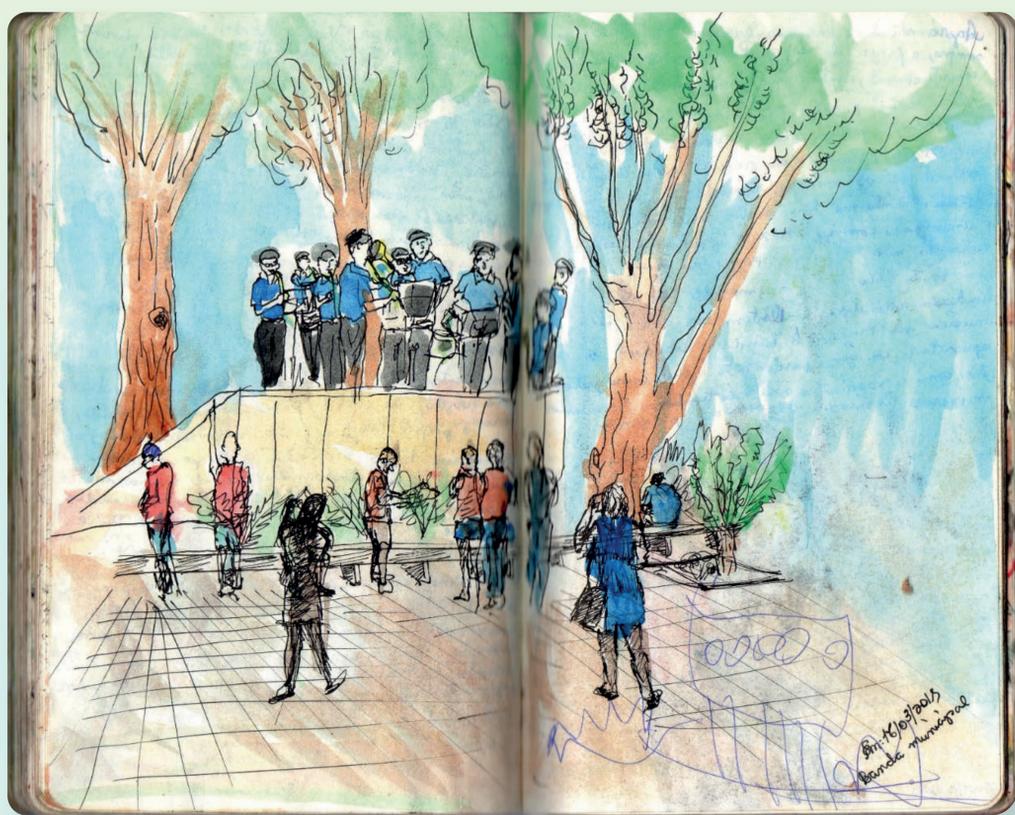
Missa Campal na Praça da Graça – Caneta Bic, lápis de cores - ano 2018.

“No festejo, os bancos ocupam à Praça. O sagrado cruza o cotidiano.”



Trailer na Praça do Amor – Caneta nanquim, aquarela - no 2019.

“Sair à noite, pedir algo pra comer, e, durante essa espera, cultivo o hábito de desenhar. Por isso, sempre saio com cadernos e canetas nos bolsos. Registrar o momento, desenhando pessoas, objetos, cenários, é uma forma de constituir lembranças de algo que parece tão trivial, mas, no papel, ganha uma dimensão especial. Não é só um passeio à noite, é um processo incansável de rabiscar o que está a minha volta.”



Banda Municipal na Praça – Caneta Bic preta, aquarela - ano 2018.

“Nas sextas feiras, depois do expediente, sempre parava na Praça da Graça. Nesse dia, a Banda Municipal estava se apresentando. Fiz um rabisco rápido com a Bic preta que levava no Bolso e aquarelei de forma um tanto irresponsável, sem pressão nem expectativa nenhuma. Ao olhar para esse desenho tão simples, lembro do som do saxofone ecoando pela praça, das pessoas que aos poucos se amontoavam, das canções tocadas. Aprendi que o bom desenho é aquele que cria uma atmosfera do ambiente desenhado.”



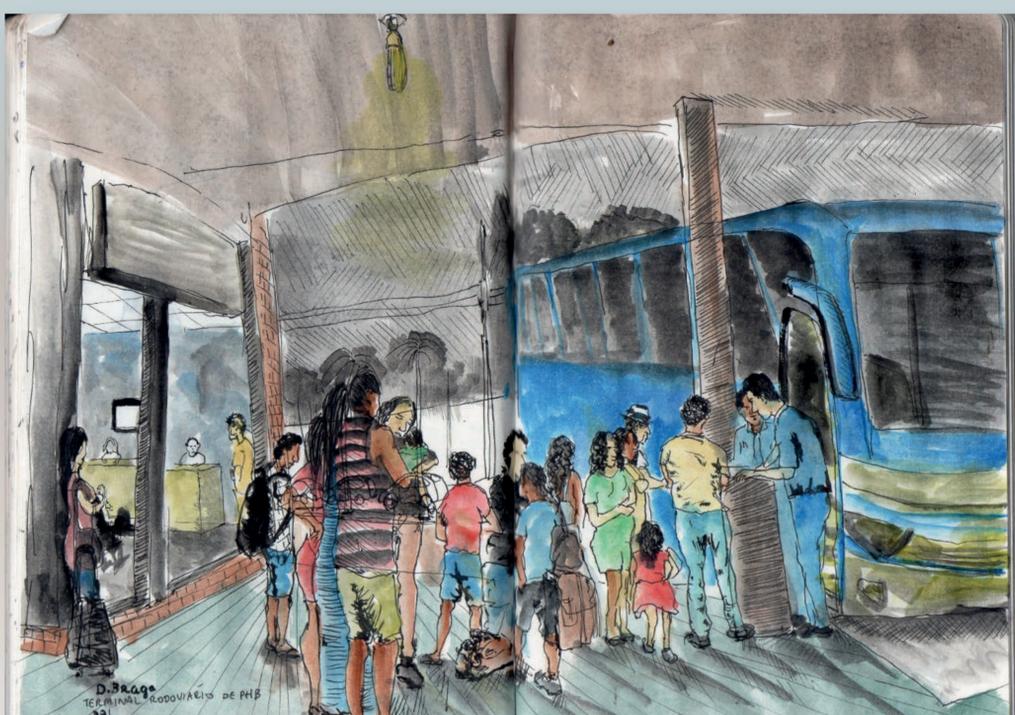
Bar da Fefa – Caneta Bic, aquarela - ano 2018.

“Conheci muitas pessoas legais em bares por causa do desenho. Esse bar era um daqueles que mais parecem a sala da casa da gente. Saudade desses companheiros de copo, que se admiravam quando viam meu caderno, sem se importar com minha inconveniência de desenhá-los de vez em quando. Ninguém nunca se achou parecido. Que bom!”



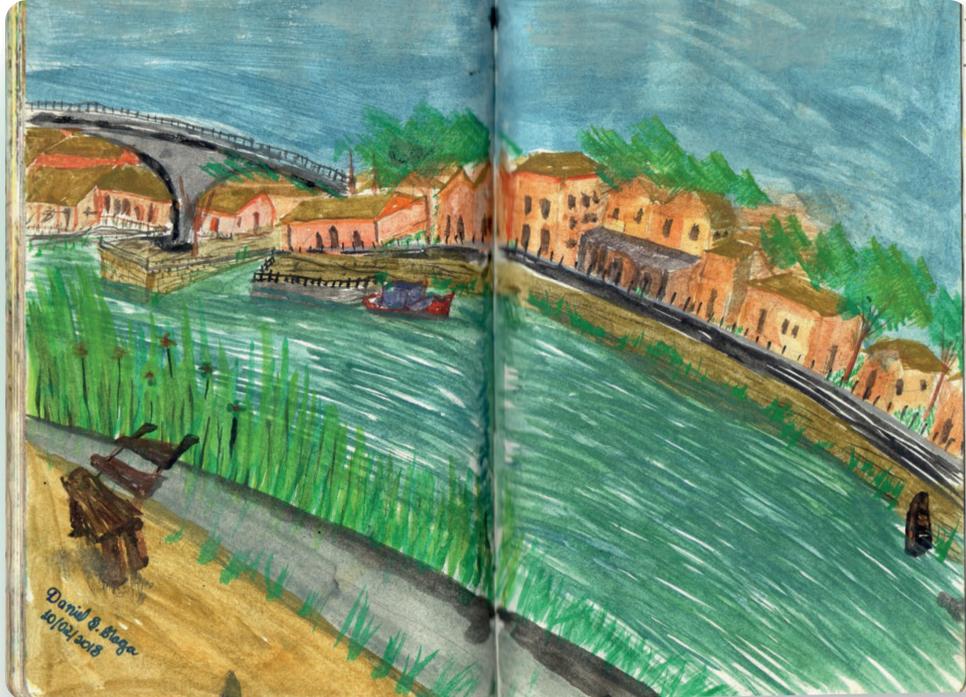
Praia Peito de Moça – Caneta nanquim, aquarela - ano 2019.

“Praia lotada num dia ensolarado de primeiro de janeiro. Eu só conseguia ver cores: o mar esverdeado, o céu azul, e uma diversidade de pontos coloridos tostados pelo sol quente; as ondas quebrando naqueles corpos que viam a entrada no mar como uma esperança de vida nova.”



Praia Peito de Moça – Caneta nanquim, aquarela - ano 2019.

“Praia lotada num dia ensolarado de primeiro de janeiro. Eu só conseguia ver cores: o mar esverdeado, o céu azul, e uma diversidade de pontos coloridos tostados pelo sol quente; as ondas quebrando naqueles corpos que viam a entrada no mar como uma esperança de vida nova.”



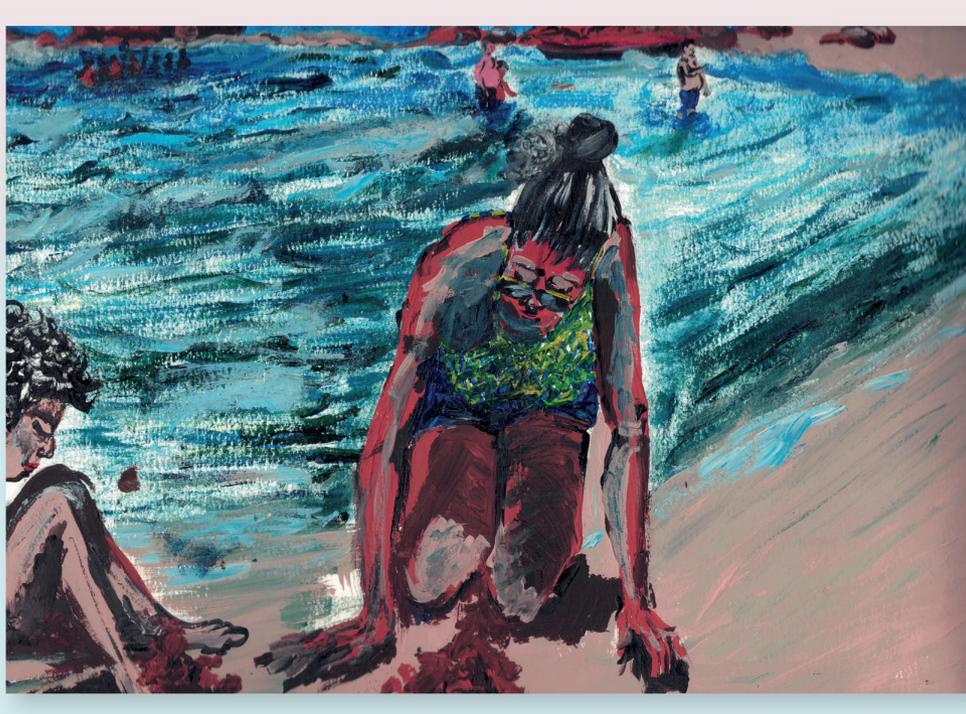
Portos das Barcas vista do outro lado rio – Caneta Bic, lápis de cores, guache - ano 2018.

*“Ao desenhar o Porto das Barcas do outro lado do rio me faz interrogar a todo instante: por que esse progresso não atravessou a nado ou nas canoas dos vareiros até a Ilha?”*



Pula Pula no Quadrilhódromo – Caneta nanquim, aquarela - ano 2018.

*“As crianças ficam loucas quando entram no Pula -Pula do Quadrilhódromo. E os pais, coitados, de camarote, ficam observando seus filhos se esbarracharem, ora com as mãos na cabeça, ora com semblante de preocupação. Mas os meninos se divertem à beça, desaguando toda energia infantil.”*



Fim de tarde na Pedra do Sal – tinta óleo no papel - ano 2020.

*“Ao desenhar mantemos uma relação mais intensa com o que olhamos. Parece que o sentido do desenhar seja aprimorar nossas retinas fatigadas, como lembra o poeta. Observar a criança e a mãe fazendo castelos de areia na beira da praia, sabendo que logo esse castelo vai desmoronar, que vai escurecer, que todos vão para suas casas.... Mas essa cena não, ela vai ficar pra sempre no meu caderno.”*



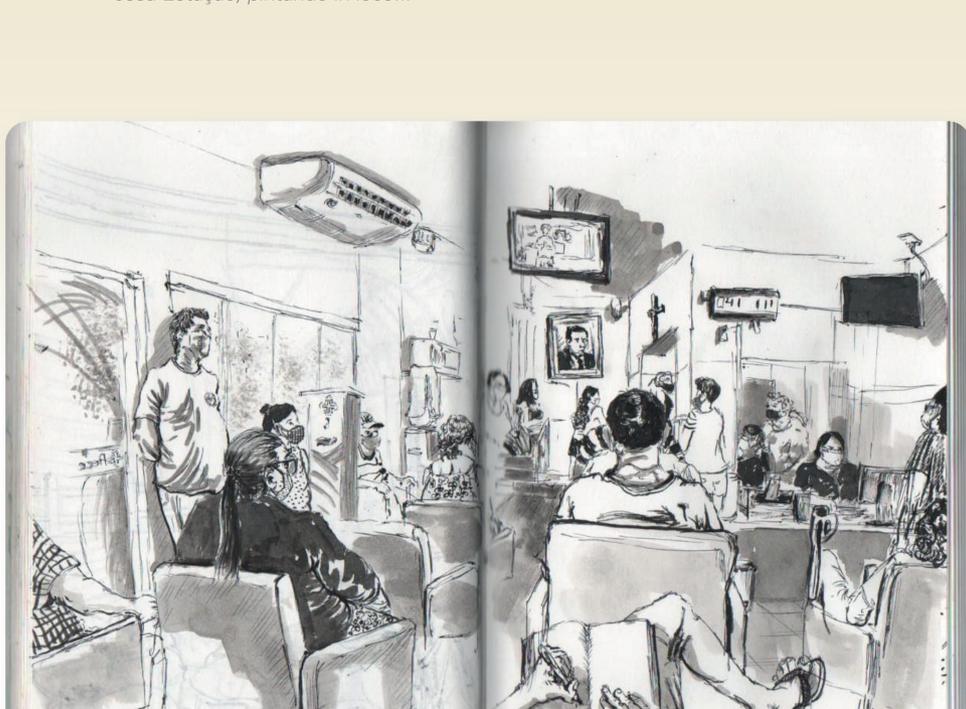
Pescadores chegando à Praia – aquarela no papel - ano 2019.

*“Esse desenho foi concluído de forma muito rápida, apenas com pincel molhado de aquarela sobre o papel. O objetivo era pegar os pescadores chegando em suas embarcações; os familiares se aproximando, confraternizando-se com o pescador e se alegrando com os pescados.”*



Estação do trem de Parnaíba – Caneta nanquim, e aquarela - ano 2020.

*“Parnaíba tem lugares que ativam a memória por todos os cantos. Essa Estação Ferroviária, por exemplo, é símbolo do dinamismo que atravessava as artérias da cidade. Nesse dia, feito num domingo, me senti ao pé de uma árvore frondosa e rabisquei com muita calma essa Estação, pintando in loco...”*



Clínica Armando Cajubá em tempos de pandemia – Caneta Bic, aguada de nanquim - ano 2021.

*“Esse último desenho diz muito dos nossos dias, isolamento, o não poder sair às ruas para desenhar, a pandemia, o medo... por isso ele é preto e branco, pois assim me senti. Nesse dia, estava eu fazendo exames, e ali, naquele clima, esperando a minha vez de ser atendido, comecei a desenhar pessoas, coisa que não fazia a muito tempo. Note a áurea de preocupação e doença que paira sobre esses tempos pandêmicos.”*

## Ficha técnica - Serviço Social do Comércio – Sesc

Presidente da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – CNC - **José Roberto Tadros**

Diretor Geral - **Carlos Artexes Simões**

Gerente Nacional de Cultura - **Marcos Henrique Rego**

Diretor Regional Piauí - Francisco **Campelo Filho**

Direção de Programas Sociais - **Ana Lúcia Rocha Oliveira**

Coordenadora Regional de Cultura - **Hildegarda Borges Sampaio**

Gerência de Comunicação - **André Ribeiro**

Gerência Sesc Centro Cultural União Caixeiral - **Leandra Sávia Moreira dos Santos**

Analista em Artes Visuais - **Amanda Fernandes dos Santos**

